

ARTIGO

LEVANTOU-SE O VÉU NOS CAMINHOS HISTORIOGRÁFICOS: BIOGRAFIAS DE MULHERES EDUCADORAS

ANA RAQUEL COSTA DIAS

Doutora em Educação. Professora da Universidade de
Brasília (UnB). Pesquisadora de História da Educação.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4534-0354>

RESUMO: O levantamento bibliográfico se caracteriza como importante exercício metodológico, para se obter informações profícuas no que diz respeito ao desenvolvimento de pesquisas. Por meio dessa precaução, com destaque para a procura em repositórios digitais, é possível aproximar-se de fontes e temáticas, bem como identificar lacunas, conduzir posteriores trabalhos e explanar sobre caminhos historiográficos. Objetiva-se apresentar as vozes femininas em pesquisas brasileiras, a fim de confirmar a hipótese de que mulheres estão biografando outras mulheres, em dissertações e teses, e assim, marcando significativamente a historiografia, sobretudo a educacional. Conclui-se que histórias de educadoras ocupam um protagonismo nos exercícios biográficos elaborados por mulheres pesquisadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da educação; Biografias históricas; Mulheres educadoras; Levantamento bibliográfico.

THE VEIL HAS BEEN LIFTED ON HISTORIOGRAPHICAL PATHS: BIOGRAPHIES OF WOMEN EDUCATORS

ABSTRACT: The bibliographic survey stands out as an important methodological exercise to gather valuable information for the development of research. Through this precaution, with a focus on searches in digital repositories, it is possible to engage with sources and themes, identify gaps, guide subsequent studies, and discuss historiographical approaches. The objective is to highlight female voices in Brazilian research, confirming the hypothesis that women are writing about other women's biographies in theses and dissertations, thereby significantly shaping historiography, particularly in the field of education. It is concluded that the biographies of educators play a prominent role in the biographical exercises conducted by female researchers.

KEYWORDS: History of education; Historical biographies; Women educators; Bibliographic survey.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v83p313-344>

Recebido em: 01/03/25

Aprovado em: 15/07/25



Explorando vidas e relações: as biografias históricas

No livro *Nós, mulheres: grandes vidas femininas* (2020), Rosa Montero presenteia leitoras com um prólogo inflamado, ruidoso e tempestuoso, como ela mesma assumiu. Iniciou sua explanação destacando que, na década de 1990, biografias femininas não chamavam a atenção, ainda que tivessem sido apagadas pelo machismo dos cronistas. Contudo, descreveu que na contemporaneidade o tema está na moda, revelando uma profusão editorial digna de comemoração, pois esse movimento significa uma resistência a um passado sequestrado pelo preconceito: pensamento anterior ao conceito (invisível e perigoso) e que precisamos extirpar de nossas cabeças. A escritora definiu o trabalho de escrita de biografias como quase arqueológica, destacando a indispensabilidade de se conhecer modelos reais, pois precisamos saber que a vida não era nem é como contaram por aí. Há uma história que não há na história, segundo Montero, e que só pode ser considerada se houver mulheres.

A oralidade, como destacou Mel Duarte (2019), rompe ciclos de silêncio, deixa legados, permitindo às mulheres narrar suas histórias e desafiar limites impostos por uma sociedade patriarcal, que dita a disposição de corpos e falas. Ainda de acordo com essa autora, quando mulheres escrevem sobre outras mulheres, partilham perspectivas de existência, saudando aquelas que vieram antes, incentivando as que estão presentes e visando novos tempos para as futuras, indicando alternativas de sobrevivência.

Os reveses, memórias, sentimentos e características de vidas femininas, narrados por Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, mais conhecida como Cora Coralina, destacam histórias de mulheres comuns, explorando temas como miséria, transgressão, violência, maternidade e resistência, em uma poética que respeita as vozes marginalizadas. Vejamos:

Vive dentro de mim uma cabocla velha de mau-olhado,
acorada ao pé do borralho, olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.

Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho,
Seu cheiro gostoso d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa, pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda, desabusada, sem preconceitos, de casca-grossa, de chinelinha, e filharada.

Vive dentro de mim a mulher roceira.
– Enxerto da terra, meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos. Seus vinte netos.

Vive dentro de mim a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada, tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim: Na minha vida – a vida mera das
obscuras (Coralina, 2012, p. 18-19).

Os versos, pequenos, soam apelos gigantes, afetando conjunturas e estruturas históricas, que necessitam ser desconstruídas. A história de mulheres não é homogênea e seja na literatura, na biografia histórica ou em outro tipo de registro, seus protagonismos, concatenado às diferentes realidades, carrega uma representatividade potente. É como se falasse de todas, em um movimento de acolhimento, e isso tem um enorme valor, se lembrarmos dos tantos tempos marcados pelo silêncio.

Escrever sobre mulheres também significa falar sobre muitas vidas, com seus trabalhos, dissabores, resistências e outras coisas mais. A força e a representação que a escrita biográfica feminina carrega permite sustentar e

defender não somente a narrativa de uma vida, mas de todas as vidas. Como se todas vivessem dentro de cada escrito, correspondidas e reveladas. E por isso é preciso descolonizar os ouvidos e esvaziar os conceitos, como sugeriu Lucila Losito (2022).

Para que mulheres possam registrar suas palavras na história, existiram situações que precisaram ser combatidas e necessidades desviadas. Virginia Woolf, em *Um teto todo seu* (1928), retomou temas como os abismos culturais, as atribuições e os privilégios de homens e mulheres, a opressão sofrida pela mulher em diferentes ambientes e afirmou que “[...] a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (Woolf, 1928, p.15).

Woolf ressaltou as limitações da escrita masculina sobre mulheres, destacando a necessidade de condições sociais para a produção feminina. Para além da falta de qualificação intelectual, a ironia apontada estava no modo como a mulher era retratada na escrita, em comparação com a vida real.

O sexo e sua natureza bem poderiam atrair médicos e biólogos; mas era surpreendente e de difícil explicação o fato de que o sexo — quer dizer, a mulher — atraia também ensaístas agradáveis, romancistas desonestos, rapazes com diploma de licenciatura em letras, homens sem diploma algum, homens sem qualificação aparente, salvo o fato de não serem mulheres. Alguns desses livros eram, a julgar pelas aparências, frívolos e jocosos; mas muitos, por outro lado, eram sérios e proféticos, moralistas e exortatórios. A mera leitura dos títulos sugeria inumeráveis diretores de escolas, inumeráveis clérigos subindo em suas tribunas e púlpitos e arengando com uma loquacidade que em muito ultrapassava o tempo habitualmente concedido a tal discurso sobre este assunto. Era um fenômeno extremamente estranho, e, aparentemente — nesse ponto, consulte a letra M — um fenômeno restrito ao sexo masculino. As mulheres não escrevem livros sobre os homens — fato que não pude deixar de acolher com alívio, pois, se tivesse que ler primeiro tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres e, depois, tudo o que as mulheres escreveram sobre os homens, o aloés que floresce uma vez a cada cem anos floresceria duas vezes antes que eu pusesse a pena no papel (Woolf, 1928, p.35).

A escritora reiterou que desde os primórdios as mulheres brilharam e protagonizaram nas obras de poetas, como aconteceu com Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida, Rosalinda, Desdêmona e a duquesa de Malfi; entre os dramaturgos e prosadores, podemos exemplificar com Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Ana Karênina, Emma

Bovary, Mme de Guermantes. Ocupar a cena principal de algumas artes não as eximiu de serem julgadas, diminuídas, descritas e analisadas em muitas obras masculinas.

De fato, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil; heroica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, [...] ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto (Woolf, 1928, p.55-56).

Temos aqui uma mulher, que percorreu diferentes caminhos da retórica envolvida em um fluxo de consciência e que escreveu sobre e para outras mulheres, sustentando a tese de que elas precisam de condições sociais e financeiras para produzir. Importante ressaltar o tempo que separa a fala da autora e esta escrita, um século. Ao mesmo tempo que conclamou a necessidade da escrita feita por mulheres, a autora alertou sobre a conjuntura desfavorável que atravessava a vida delas e que, portanto, impedia o ofício de uma mulher escritora.

Esta produção busca apresentar dissertações e teses sobre mulheres biografadas, explanando perfis e revelando uma mudança paradigmática. Estabelece-se a problematização acerca do fato de que majoritariamente a autoria desses trabalhos é feminina, atestando para a ideia de que mulheres estão priorizando escrever sobre seus próprios universos. Por fim, este exercício científico expõe indícios que evidenciam, que grande parte dessas mulheres biografadas ocupou algum tipo de ofício concernente à cena educacional. Os traços e padrões coletados no levantamento sugerem que as biografias produzidas por mulheres e sobre mulheres estão marcando a historiografia educacional.

Não podemos definir sobre as condições de vida de tantas pesquisadoras e como conseguiram construir suas produções científicas em meio a diferentes realidades econômicas, sociais, psicológicas, dentre outras. Mas, em resposta à Woolf, depois de cem anos, arrisca-se afirmar que mulheres estão escrevendo sobre mulheres que ocuparam espaços públicos e privados.

Isto posto, inspirando na poesia de Ryane Leão (2019) é possível afirmar que mulheres que escrevem, sobre tudo e sobre outras, não serão

anônimas, seus nomes serão ditos repetidas vezes e contarão sobre todas as que vieram. E...

não adianta tapar os ouvidos
porque cicatriz aberta
não ecoa só por fora
mas por dentro
verão minha existência
escorrendo
em todos os becos
em todos os muros
em todas as margens
em todos os centros
se toda história importa
e se só podemos mudar
aquilo que nomeamos
então seremos obras
com título, início, meio
e sem fim
[...]
então grite
isso não vai te fazer
inabalável
mas toda mulher que fala
é invencível (Leão, 2019, p. 202-203).

Mulheres querem falar sobre as vidas de outras mulheres. Parafraseando Virginia Woolf, anuncia-se ainda que, mesmo trancando bibliotecas, não há portões, nem fechaduras, tampouco trincos capazes de limitar a mente de uma mulher que deseja escrever.

Facetas femininas: nomes de mulheres na historiografia

Michelle Perrot (2017), ao afirmar que as mulheres não são passivas e nem submissas, registrou que suas histórias estão além das perversas circunstâncias vividas. Necessário crer em uma história de mulheres que vai além das conjunturas de miséria, opressão e dominação. Mulheres são beneméritas de serem narradas historicamente, consoantes às máculas, tomadas de decisão, vivências, conquistas, influências sofridas. Façamos das vozes biografadas “[...] cânticos de coragem, senhas amorosas, signos de encontros umas com as outras”, como nos ensinou Conceição Evaristo (2019, p.15).

A ausência de registros históricos sobre mulheres é não menos que inquietante, lúgubre e seriamente crítico. Sem embargo, esse não é o caso. As mulheres estão presentes em debates, discursos, pesquisas e escritos diversos demonstram que elas ultrapassaram muros físicos, morais e culturais. O tempo de uma escrita histórica sem mulheres se foi, e isso não tem volta. Tais produções espalha a nebulosidade e desobscurece esquemas interpretativos que pouco ou nunca olharam para outras vidas.

O exercício biográfico, em consonância com as histórias das mulheres, faz-se como perspectiva teórica plural e como alternativa para questionar e expor as práticas opressivas e formas estigmatizadas. Suely Costa (2003, p. 7) refletiu sobre uma produção de biografias femininas que acompanha “[...] de maneira notável diante da crescente consolidação da história das mulheres, um importante legado intelectual dos movimentos feministas”.

Com participação nos cenários públicos e privados, nomes de mulheres encontram-se progressivamente mais em pesquisas acadêmicas brasileiras e suas histórias ocupam o panorama historiográfico com cientificidade. Seus nomes estão expostos em muitas pesquisas, essencialmente como objeto de pesquisas, em uma perspectiva biográfica, para atender infindas perguntas que somente elas podem responder, denunciando e protestando sobre condições, além de revelar outras lembranças e esquecimentos fulcrais para a história.

Concernente à história brasileira, algumas reflexões são basilares, como os grupos sociais e os lugares percorridos pelas mulheres na América Portuguesa, no Império e na vida republicana. É necessário considerar as palavras que não foram escritas, as vozes silenciadas e as trajetórias ocultadas e que são denunciadas. Fazer essas reflexões nos permite sinalizar sobre o enfrentamento a recortes temporais que reforçam uma história brasileira com base em marcos europeus e colonizadores. Importa-nos pensar sobre o valor das interseccionalidades nas abordagens de estudos de gênero, que não desconsideram outros apagamentos.

Alguns nomes femininos são conhecidos e considerados, mas em menor número que os masculinos. Outras têm nomes inexplorados. A noção de nome próprio possui uma ligação relevante com a memória, matéria prima e objeto da história. O intuito se estabelece em reconhecer o valor de se registrar historicamente os nomes de tantas mulheridades, negras,

indígenas, brancas, trans e travestis, estudando-as e reencontrando-as em documentos, atribuindo o devido significado e realidade às suas vivências.

O entendimento proposto vai além da terminologia, como elemento de individualização na sociedade, algo íntimo e direito inalienável e imprescritível. Sugestiona-se nesse exercício uma atenção especial ao crescimento de pesquisas sobre mulheres, especialmente aquelas com nomes desconhecidos e que agiram de igual modo ou semelhantemente aos considerados 'grandes vultos' da história, que foram de maneira infatigável prestigiados como únicos.

Sem a pretensão de estabelecer uma perspectiva teórica absoluta, o enfoque adotado parte da ideia de que mulheres frequentemente não representadas também se destacam em diversas áreas do conhecimento. Valeu, portanto, proporcionar crédito ao esforço de expandir o leque de homens considerados famosos para mulheres que ocuparam a cena religiosa, política, social, mas também estiveram no interior, viveram em meio à miséria, sofreram perseguição, construíram, educaram, muitas vezes silenciosamente, foram e são protagonistas da história.

Muitas vezes, as diferentes acepções são baseadas nos nomes dos criadores. Conhecendo o nome e a família, conhecemos também suas realizações. Os nomes masculinos, com ou sem feitos, refletem benefícios familiares na sociedade. Recordam-se, especialmente, do sobrenome, definindo, por consequência, a hombridade de todos. Célia Mentlik (2009, p.03) acrescentou que, "[...] também é patente o fato de que os nomes pelos quais somos designados e reconhecidos pelos demais constituem marcas identitárias que nos são caras e que nos acompanham ao longo de toda a existência, muito embora não tenham sido por nós conferidas".

Ou seja, além de não serem reconhecidas, os poucos registros são sempre associados a uma figura masculina. A relevância desse tipo de pensamento está na problemática da ausência de nomes de mulheres, que por muito tempo não foram lembrados pela herança familiar, sequer por suas trajetórias, em uma espécie de apagamento indefensável.

Mentlik (2009, p.03) ainda elucidou que "[...] o nome que portamos abre as portas a conteúdos importantes de nossa herança cultural e afetiva, deflagrando uma variedade de sentidos possíveis à pesquisa de cada sujeito". Assim, destacamos a importância do registro histórico nominal

como gênese de desvelamento identitário particular e coletivo, vital para o conhecimento humano. Nomes desconhecidos são importantes e precisam ser investigados, contestados e complexificados, pois são heranças do passado.

Falar sobre outros nomes é, sobretudo, enfrentar perspectivas heroizantes da história, resistir a figuras que caminharam com e como os detentores do poder e que defenderam regimes políticos, sociais, religiosos, portando virtudes e princípios, ditos incomparáveis, produzindo discursos únicos que excluem e negam vindouras histórias. Ao ouvir histórias únicas, enquadrámos nossas inquições em pensamentos limitados, como se fossem definitivos, bem como alertou Chimamanda Adichie (2019, p. 22-23).

Clio vem sendo perturbada e problematizada, por novos nomes, através da leitura de novas fontes e com outras interpretações. Encontramos a astúcia, o frutífero e a resistência, contra qualquer possibilidade de ingenuidade, inutilidade e fragilidade. A ausência de possibilidades, de conexões e de experiências advindas de outros personagens provoca simplificações históricas que são, sem dúvidas, articuladas por jogos de poder. Ao produzir outras histórias, empoderamos e humanizamos, como explicou Adichie (2019, p. 26-28), pois a história única:

[...] cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. [...] A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos.

Manifesta-se aqui a grandiosidade da escrita múltipla, que questiona, explana fontes diversificadas e expõe pessoas preteridas, mas que são agentes históricas, portadoras de outros sentidos. Afortunadamente essas pessoas experienciaram e suas ações são primordiais para o entendimento do passado com suas aflições, avanços e retrocessos.

O nome é crucial, o começo da existência, uma ferramenta contra o esquecimento. Identificar novos nomes femininos na história é essencial para a imortalidade da história humana. A mulher que muitas vezes já foi excluída da história, do relato do acontecimento político, da universidade, da narrativa da decisão econômica, da sociedade, como bem explicou Perrot

(2017), é cada vez mais avistada em investigações científicas. O ofício do/a pesquisador/a em história empenha-se em privilegiar o que antes era considerado irrelevante, desnecessário e improdutivo, atestando para a existência de mulheres reais, da casa, da fábrica, do subúrbio, das letras, da política, da justiça, das artes.

Evidentemente, biografar mulheres não é um ato simplório e incompleto, pois toda escrita biográfica possui suas provações, porém os balanços e revisões comprovam que existe um enorme interesse e dedicação em contar próximas histórias, com novos nomes, com seus problemas e aprofundamentos, para a construção de saberes singulares.

Mulheres foram por muito tempo excluídas da escrita histórica e consideradas coadjuvantes, no entanto, não é difícil encontrar na literatura estudos que refletem sobre a supracitada exclusão, a ideia de invisibilidade, as questões de gênero, as categorias 'mulher' e 'mulheres', o movimento feminista e o surgimento, mesmo que lentamente, da ocupação feminina na historiografia. O respectivo movimento se impõe como resistência e marco teórico, expondo a fertilidade em prol do descortinamento de vozes que sempre existiram.

Mas não nos deixemos enganar, a supressão da escrita sobre mulheres nasceu e cresceu em meio a silêncios de todas as partes, em concordância com Tânia Navarro-Swain (2008), que sinalizou especialmente o silêncio político, que alimenta a invisibilidade. A noção de escassez de fontes não deve ser utilizada, tampouco endossada, pois, segundo Veras e Pedro (2014, p.96), "[...] as fontes não são elas mesmas produto do processo interpretativo, inventivo da operação historiográfica, resultantes da seleção e classificação feitas pelos/as historiadores/as?" Falar sobre silêncio político, é falar sobre "[...] escolhas políticas implicadas no fazer historiográfico, que, ao eleger determinados temas – eleição política –, deixavam de lado outros temas, outros sujeitos e outras histórias" (Veras e Pedro, 2014, p.96).

Se não há narrativa, pode não ser relevante. Mas para quem não importa? A inquietude daqueles que não se importam está nas relações, nos modos de ser e de lutar, nas condições de estar, na subversão que não permitiu dominar e manipular. O receio de contar e desbravar a trama foi um incentivo para quem vê na insubordinação, na resistência e no silêncio a estratégia ideal para registrar a história.

A omissão às histórias de vida femininas impulsionou as biografias encontradas. Não é difícil encontrar na historiografia, intelectuais reiterando sobre as relações de poder presentes em enunciados e discursos acadêmicos, confirmando ocultações e limitações. Essas produções se caracterizam como uma postura intelectual significativa perante mecanismos de poder. Daí a ideia de Adriana Souza (2012, p.107) “[...] de que é na experiência, no trabalho cotidiano de pesquisa – com suas eventualidades, conflitos e micro decisões – que se funda a legitimidade do discurso historiográfico”.

Oferecer notoriedade à escrita sobre mulheres impõe-se por si só, como uma reivindicação a tantos outros escritos, que valorizaram exclusiva e conscientemente determinados sujeitos. Que se registre a manifestação de tantas palavras sobre mulheres, que não começou agora, e que copiosamente se fará presente. Isso posto, admite-se que as velhas e tradicionais histórias de homens ilustres, acompanhadas de suas problematizações, sempre foram elaboradas a partir de intencionalidades, inclusive aquelas que são particulares do/a pesquisador/a, com o propósito de atender demandas e anseios.

Podemos considerar, sim, que a escrita da história sobre as mulheres é recente, principalmente ao pensarmos nas amarras estruturantes de uma sociedade que ainda se mantém patriarcal, misógina e conservantista. Tais características se estendem à academia, todavia a supradita nova história é autêntica, bem contada, inspiradora e está crescendo, assim como veremos nas páginas pospositivas.

Mulheres educadoras: um perfil biográfico na historiografia

Viver é tomar partido.
Depois de tanto “ontem” me pergunto por que ainda há quem se mantenha silente.
Quem se mantenha omissa.
Meio que em cima do muro.
Não querendo se haver com isso.
Com um olho aberto e outro fechado.
Eu quero é afastar de mim esse cale-se.
Quero tomar partido.
Quero pular para o outro lado do muro.
Quero me envolver até o pescoço.
Quero manter meus dois olhos bem abertos.

Depois de tanto ontem, amanhã precisa ser outro dia (Costa, 2021, s/p)

Sob a luz da poesia de Hosana Costa, iniciamos reconhecendo que escrever sobre mulheres é tomar partido, é decidir por um lado e assumir as ações consequentes. É se comprometer com uma face quase sempre excluída e derrotada nas disputas normativas. Pesquisadoras do norte ao sul do país, escolheram não se calar, se envolver até o pescoço, com os olhos bem abertos e isso precisa ser observado, por caracterizar um caminho historiográfico.

A explanação adiante objetivou evidenciar a existência contundente da escrita sobre mulheres, por meio da biografia, registrada em formato teses e dissertações. Para o fim supramencionado, utilizou-se da revisão bibliográfica como precaução metodológica, apta a atender a hipótese defendida inicialmente. Considera-se que essas escritas científicas, além de anunciar um panorama historiográfico, se caracterizam como parte determinante dele. Esse movimento surgiu a partir da necessidade de se compreender como a universidade vem se comportando acerca das produções biográficas sobre mulheres.

O levantamento bibliográfico possui um papel basilar com a produção historiográfica, garantindo uma organização substancial, a fim de subsidiar outros conhecimentos, o que significa também radiografar os temas e inventariar a produção existente. O avanço da ciência carece de determinadas premissas, e uma delas é a necessidade da inovação, em torno de temas indispensáveis e férteis, a concepção daquilo que ainda não foi discutido e a criticidade em favor de ideias já consolidadas. Conhecer o que já foi e o que está sendo discutido é vital para o amadurecimento de uma pesquisa.

Para se obter efeitos significativos, é importante que o trabalho seja feito com qualidade. De fato, difícil crer na elaboração de uma escrita acertada sem o uso adequado dos procedimentos. Alda Alves (1992) alertou que uma revisão de má qualidade pode comprometer todo o estudo, ao objetivar iluminar todo o caminho trilhado da pesquisa.

Sabe-se que a metodologia proposta se caracteriza como atividade frequente nas escritas acadêmicas, fato incapaz de extinguir sua primordialidade. Isso se deve à produção de conhecimento em conjunto,

que envolve buscas, expectativas, discursos e registros. Sendo assim, não se trata de uma escolha metodológica ou uma concepção que detenha uma confiabilidade incontestável, existem contradições, mas é realmente relevante reconhecer as contribuições dispostas. Com base no referido, acredita-se que acumular teses e dissertações em bibliotecas físicas e no formato *online*, sem as utilizar e problematizá-las recorrentemente, é certamente lamentável.

Por conseguinte, tencionando a construção de um balanço bibliográfico que atendesse a hipótese central, de multiplicidade e profusão de pesquisas biográficas sobre mulheres, propomos a constituição do levantamento supradito em alguns repositórios digitais. É válido reconhecer a essencialidade dessas ferramentas e suas competências, ao auxiliar e simplificar as tarefas de busca, inclusive promovendo consultas detalhadas.

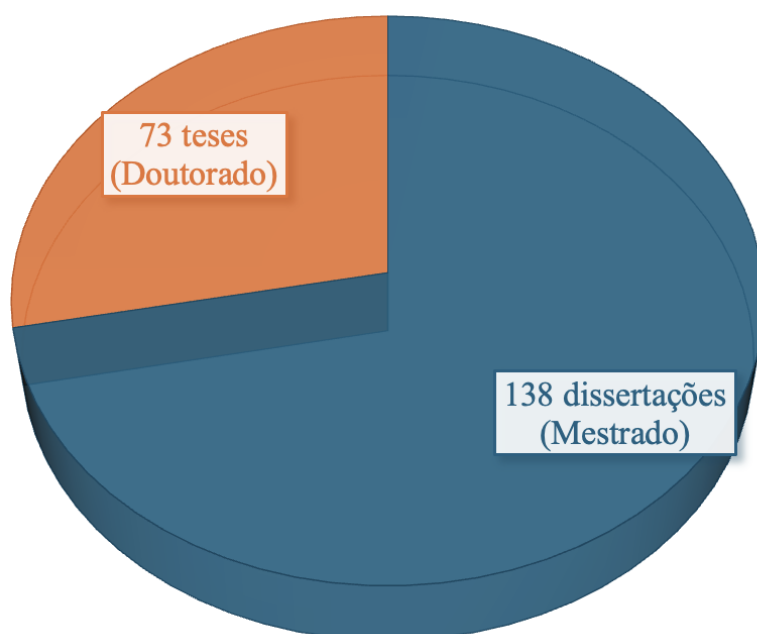
Dessa forma, selecionamos as plataformas, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, como método para explicar a produção biográfica que tem a/s figura/a mulher/es como objeto de estudo. As plataformas citadas foram selecionadas em virtude da escolha de se analisar teses e dissertações defendidas em programas brasileiros de pós-graduação.

Antes de continuarmos com a apresentação dos estudos coletados, é importante destacar nossa visão sobre a variedade de abordagens na escrita biográfica. Ariane Duarte e Luciane Grazziotin (2018) exemplificaram essa diversidade, identificando pesquisas que biografam um indivíduo não como foco principal, mas como um meio para explorar um determinado tempo e/ou espaço. Alguns estudos refletem sobre a trajetória de vida de forma linear e cronológica, enquanto outros adotam abordagens mais tradicionais ou recortadas, não cobrindo toda a vida da pessoa. Também há estudos centrados na história de intelectuais, que analisam elementos de suas vidas para complementar a compreensão de suas produções e atuações na educação.

Mary Del Priore (2009), nos revelou um pouco da genealogia biográfica. Afirmou que a biografia se impõe como uma das primeiras formas de história no modelo grego, que deu a palavra a seus atores a fim de que eles expressassem análises sobre suas próprias ações. Este, por sua vez,

inspirou os historiadores romanos, que, em seus textos, com discursos imaginários, destacavam a psicologia de personagens evocados. A hagiografia encarregou-se de demonstrar a exemplaridade humana. Enquanto a santidade passou a ser imitada, o período de heróis se iniciou, juntamente com os contos dos cavaleiros da Idade Média. No Renascimento, o indivíduo tornou-se meta e norma de todas as coisas e, nos séculos seguintes, o individualismo não cessou de se firmar, mostrando que escrever sobre a própria vida era moda. No século XIX, as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de “nação”.

Gráfico 01 - Quantitativo de Teses e Dissertações identificadas no levantamento bibliográfico.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Biografia, biografia histórica, trajetória feminina, história de vida, história de mulheres, mulher, educadora, professora, narrativa, trajetória biográfica, foram as palavras-chave utilizadas na precaução metodológica. A busca foi realizada entre os anos 2021 e 2024. As palavras foram lançadas nos campos de busca de maneira conjunta e em ordens diferentes, para apanhar um número sugestivo de pesquisas. Identificamos 211 pesquisas acadêmicas

stricto-sensu que produziram escrita biográfica sobre mulheres¹ (Gráfico 01), das quais algumas biografaram mais de uma mulher, contabilizando no total pouco mais de duzentas e cinquenta mulheres biografadas. Desse quantitativo, mais de 90% dos trabalhos foram defendidos em universidades públicas de todas as regiões do país, com destaque para as seguintes:

Quadro 01: Universidades com maior índice de publicações.

Universidade	Quantidade de pesquisas
Universidade Federal da Paraíba	17
Universidade de São Paulo	13
Universidade Federal do Ceará	11
Universidade de Brasília	11
Universidade Federal de Santa Catarina	11
Universidade Federal de Minas Gerais	10
Universidade Federal de Goiás	07

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Identificaram-se pesquisas com variadas finalidades, advindas de diferentes origens, que percorreram caminhos distintos, utilizaram aportes dissemelhantes, mas, sobretudo, se destacaram por propor uma escrita biográfica de mulheres. E isso faz parte do mote biográfico, com uso de diferentes fontes, narrativas, metodologias. Considerou-se válida a variedade de possibilidades que envolvem a biografia e, portanto, não houve distinção ao selecioná-los, no que tange a recorte teórico-metodológico, atendendo ao objeto supradito como único critério obrigatório.

Demos importância a todas as pesquisas encontradas, com mulher/es como objeto de estudo, pois esse recorte permite compreender e dimensionar o cenário investigativo, priorizando os estudos biográficos e os

¹ Este levantamento pode não ter incluído todas as pesquisas biográficas sobre mulheres já publicadas, uma vez que, como qualquer pesquisa, está sujeita a limitações. Entre os fatores que podem influenciar alguma possível ausência, destacam-se informações faltantes, como o preenchimento incompleto de palavras-chave nos cadastros dos repositórios digitais, links indisponíveis, além de outras restrições de acesso aos dados. Alguns trabalhos, apesar das pistas registradas nos títulos e resumos, não foram considerados em virtude da inexequibilidade de fazer seu download. Circunstância que pode ocorrer devido à instabilidade das plataformas ou da página da universidade em que se encontra o trabalho. Outro motivo é a existência de pesquisas mais antigas, especialmente das décadas de 1980 e 1990, que, apesar do registro, não possuem arquivo disponível para download e, portanto, não puderam ser lidas. Esse é o caso das pesquisas identificadas no Catálogo da CAPES que foram defendidas antes da criação da Plataforma Sucupira.

temas e indivíduos tratados. Os dados recolhidos foram organizados e analisados considerando: Mulher/es pesquisada/s com vistas para a ocupação laboral, Autoria (gênero), Ano de Defesa, Tipo (tese ou dissertação), Programa de Pós-Graduação. Para sua constituição, foram consideradas todas as pesquisas apontadas pelas plataformas, sem distinção de instituição, recorte temporal ou perspectiva de análise, e que se encaixavam no intuito proposto de escrita biográfica exclusivamente feminina.²

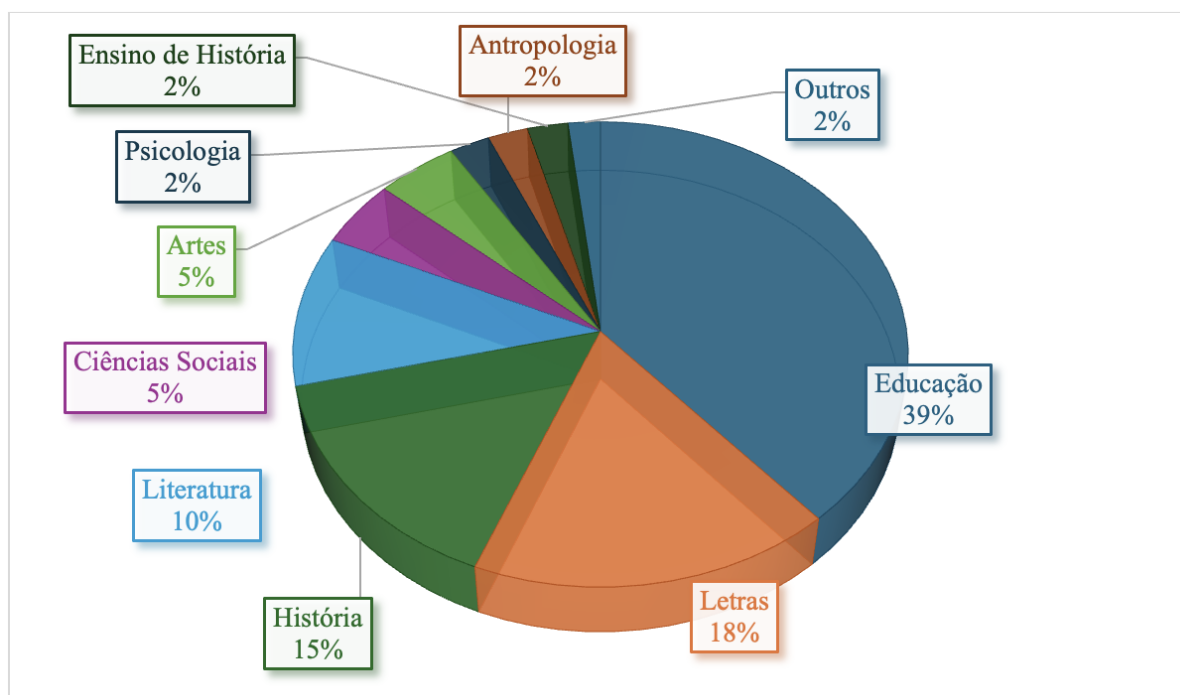
As pesquisas analisadas apresentam modos biográficos variados, que percorrem desde as que explanam linearmente em um leque cronológico, até aquelas com recortes definidos, como somente os trajetos profissionais, ou as produções materializadas, a vida pessoal com as relações familiares, ou também a participação na militância política, dentre outros exemplos.

Atinente ao alcançado, destacamos que a operação metodológica de busca foi certamente fastidiosa, uma vez que se trata de produções de outrem, exigindo responsabilidade científica ao analisar e delinear fontes e recortes. Cientes do cuidado a ser tomado, nesta seção tentamos expor algumas aproximações com os resultados obtidos. O foco não deve se resumir ao recolhimento de dados, de maneira descritiva, reorganizando-os em tabelas anexas, mas observar os indícios de possíveis transformações no fazer história teórica e metodologicamente.

Ao ler as teses e dissertações, alguns pontos chamaram a atenção e merecem ser pensados. Uma primeira questão refere-se à escrita biográfica advinda de diversas áreas do conhecimento, inquirição identificada através da variedade de programas de pós-graduação (Gráfico 02).

² Trabalhos que envolvem concomitantemente nomes de homens não foram considerados.

Gráfico 02: Programas de Pós-Graduação com mais pesquisas biográficas femininas



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A constatação caminha para algumas indagações que merecem ser pontuadas. Seria a escrita biográfica uma exclusividade - senso comum - do/a historiador/a e/ou do/a literato/a? Como a biografia é tratada em outros campos do conhecimento? O que leva pesquisadoras/es de diversas áreas a escreverem biografias, em meio a desconfortos e desafios? É inevitável destacar que a escrita biográfica está presente não somente nas livrarias com seus *best sellers*, tampouco se caracteriza, como um gênero menor, sem prestígio intelectual.

Os dados recolhidos apontam que quase 40% (quarenta por cento) dos trabalhos identificados advêm de programas de pós-graduação em Educação. Apesar de não significar metade da amostragem, considerando uma heterogeneidade de áreas, é importante destacar a profusão de investigações do campo da educação, questionando, sobretudo, quem são essas mulheres biografadas.

Há diversas linhas de pesquisa em programas de pós-graduação em educação, como formação de professores, didática, história da educação, políticas educacionais, movimentos sociais, processos culturais e currículo.

Os dados nos autorizam a pensar que o exercício biográfico vem ganhando destaque nos trabalhos acadêmicos do âmbito educacional.

Nas justificativas desses trabalhos, é possível observar alguns propósitos, como o de dar visibilidade para atuações que transcendem o espaço escolar formal; a discussão da profissionalização docente da mulher; a conquista do direito à educação; as ocupações de mulheres que, além de educadoras, foram advogadas, jornalistas, empresárias, médicas etc.; o tema da liderança feminina; a discussão sobre produções das biografadas, como artigos e livros; as infâncias desvalidas; a construção de uma história da educação feminista; a ascensão profissional através da formação professoral; as aproximações com movimentos sociais; as contribuições para com determinados espaços, dentre outros.³

As investigações na área de história, de letras e de literatura também expõem uma variedade de finalidades. Discorrem sobre a temática anarquista; sobre as lutas reivindicatórias de mulheres, como em grupos de resistência armada; a participação feminina em espaços públicos majoritariamente masculinos; as poesias, contos, crônicas, novelas ensaios produzidos; as expressões artísticas e afetos dentre outros. Há diversidade, de modo que nem todo trabalho do campo da educação obrigatoriamente narrou sobre uma professora e, do mesmo modo, uma pesquisa da Literatura nem sempre biografou uma escritora.

Ao detectarmos essa escolha científica, em diferentes áreas, arrisca-se afirmar que a biografia é um problema, tanto no âmbito da produção como no âmbito da análise, que aflige e cativa as teorias do conhecimento, que procuram estudá-la e desvelar sua complexidade. Assim sendo, pode-se afirmar que a escrita biográfica não é exclusividade de uma área e que ela pode e está sendo construída de modo fértil e inspirador, levando pesquisadoras/es de diferentes campos a biografar mulheres e a revelar panoramas desconhecidos.

Foram encontradas pesquisas em um período de três décadas, sendo a primeira publicizada no repositório no ano de 1993 e a última em 2024, concentrando-se 70% delas na última década dos trinta anos. Sabemos que

³ Os propósitos descritos foram retirados das teses e dissertações do levantamento bibliográfico. São muitas as finalidades, o que nos revela a necessidade e o merecimento de aprofundamentos posteriores.

esse cenário comporta muitas influências, como o movimento feminista, a expansão de Programas de Pós-Graduação, a discussão decolonial, mas, de qualquer forma, o valor é significativo e sinaliza um horizonte historiográfico no país.

O dado anuncia, portanto, um crescimento de pesquisas brasileiras biográficas sobre mulheres envolvidas nos domínios econômico, social, político, religioso e cultural. Não existe mais o desejo único de publicizar memórias ilustres e privilegiadas, sequer construir modelos a serem seguidos, apesar de essas mulheres serem exemplos em suas resistências. Forma-se não mais uma cartilha historiográfica com prescrições, mas uma cartilha opulenta, com novas histórias escritas por meio da biografia.

Sobre as mulheres biografadas nos trabalhos encontrados, no que se refere à nacionalidade, aproximadamente 83% são brasileiras e um pouco mais de 17% são estrangeiras, nascidas na França, Estados Unidos, Moçambique, Bélgica, Itália, Irlanda, Alemanha e em outros países. As estrangeiras, na maioria, são mulheres que se mudaram para o Brasil com suas famílias, ainda na infância.

Outro elemento interessante concerne ao recorte temporal: 74% das biografadas nasceram no século XX e cerca de 18%, no XIX. O restante da amostra inclui mulheres nascidas nos séculos XIV, XVI e XVIII. No que tange à classe social, um pouco mais de 35% das biografadas são caracterizadas nos escritos como advindas de famílias de elite, seja econômica, política ou cultural.⁴

Essas mulheres atuaram em diversos cenários profissionais: foram jornalistas, religiosas, professoras, escritoras, médicas, empregadas domésticas, parteiras, artistas, fazendeiras, administradoras de empresas, parlamentares, psicólogas, esportistas, dentre outras profissões. De todas as ocupações, duas surgiram com prevalência: 50% das mulheres biografadas

⁴ Esclarecemos que alguns trabalhos não informam sobre as origens sociais e econômicas das biografadas. Isso ocorre, por exemplo, em algumas pesquisas que priorizam unicamente a vida profissional e as produções relacionadas ao trabalho que exerciam. Destaca-se ainda, o fato que somente 10% das biografadas são apresentadas por suas autorias como mulheres negras. Uma fração bem pequena que reforça a relevância de se abordar essa falta, respaldando-a e ratificando acerca da importância do diálogo para investigações posteriores. É importante pontuar que a inexistência de determinado segmento, como as mulheres trans/travestis também é um dado e reflete as conjunturas e os momentos históricos analisados.

foram educadoras⁵ em algum momento da vida e aproximadamente 30%, escritoras. As biografadas foram professoras, normalistas, alfabetizadoras, diretoras de escolas. Algumas foram também poetisas, contistas, romancistas, cronistas, ensaístas, memorialistas. São fundamentais essas biografias para a construção e compreensão da História da Educação brasileira.

O levantamento bibliográfico nos trouxe informações que inspiraram a organização desta escrita e, do mesmo modo, contribuem para o arcabouço da historiografia educacional ao divulgar a trajetória de vida de tantas mulheres da educação. De acordo com Evelyn Orlando (2018, p.10), biografias sobre educadoras permitem observar,

[...] em larga medida, um conjunto de práticas e representações do magistério, conflitos e tensões inerentes ao exercício da profissão. Mas as biografias também contribuem para dar visibilidade a personagens muitas vezes relegados ao esquecimento, recolocando-os em seu lugar na História e, neste caso especificamente, na História da Educação.

Descobrimos que Hermínia Torquato da Silva foi professora primária; Elisa Kauffmann foi professora, primeira mulher a ser eleita vereadora na Câmara Municipal de São Paulo e militante comunista; Helena Kolody foi professora de Grupo Escolar e poetisa; Henriqueta Galeno foi professora de Escola Normal e Liceu e cumpriu papel atuante na conquista do voto feminino; Virgínia Torres Schall foi professora, psicóloga e escritora infantil; Vivina de Assis Viana foi professora e ganhou o Prêmio Jabuti; Zilda Diniz Fontes atuou no magistério e escreveu peças teatrais e novelas; Neusa França foi aprovada em primeiro lugar para o cargo de professora de música e compôs o hino da cidade de Brasília; Dandara Aragão foi alfabetizadora, ex-profissional do sexo, orientadora e madrinha do grupo de Narcóticos Anônimos; Maria José Camargo Aragão foi professora, médica e integrante do Partido Comunista; Dulcina de Moraes foi professora, empresária e atriz; Nilza Fernandes de Souza foi secretária, docente e gestora escolar; Maria

⁵ Para o nosso propósito é importante esclarecer que o uso da palavra educadora/s se fundamenta no que Valdez (2017, p.16) explanou sobre um significado que vai além do hermenêutico, levando em conta diferentes contextos. "Associa-se o termo a significados profusos, um vocabulário que se movimenta em conceitos como: instruir, ensinar, transmitir, aconselhar, explicar, adestrar, orientar, treinar, formar, doutrinar, amestrar, pontificar, lecionar, acompanhar etc. Seguindo a complexidade histórica, os responsáveis por esse feixe são nomeados de: professor/a, mentor/a, mestre/a, formador/a, sábio/a, lente (aquele que lê), senhor/a, tia/o, dona, preceptor/a, orientador/a, conselheiro/a, normalista, leigo/a, instrutor/a, docente, sacerdote e outras designações que o tempo e a prática impõem".

Betty Coelho Silva foi contadora de histórias, professora e escritora; Helena Couto Nobre foi professora particular e musicista; Maria Beatriz Nascimento foi professora, roteirista e ativista de direitos humanos; Maria Therezinha Machado foi professora de educação especial; Flávia Inês Wesp Schilling foi professora, socióloga e escritora; Carolina Martuscelli Bori foi professora emérita da Universidade de São Paulo; Antônia Caringi de Aquino foi bailarina, figurinista, produtora e professora; Heleny Guariba foi professora, militante e integrante da Vanguarda Popular Revolucionária; Maria Lacerda de Moura foi professora, anarquista e escritora; Benedicta Stahl Sodré, Branca Alves de Lima e Iracema Furtado Soares de Meireles foram professoras e autoras das cartilhas de alfabetização de maior comercialização no século XX; Herculana Firmina Vieira foi professora e autora de manual didático.

São tantas mulheres biografadas e suas contribuições não se esgotam nessa listagem, tampouco no levantamento realizado, pois estamos dialogando com e sobre uma amostragem, que se expõe, como um composto sinalizador, para outras possibilidades investigativas tão complexas e reveladoras quanto essas. São histórias de mulheres, com sua pluralidade – posição social, etnia, idade, origem, escolha política, crença etc. São histórias poderosas, comoventes, inspiradoras e impressionantes em diversos aspectos. São histórias que ensinam, formam, instruem para além das palavras. Reconhecer e valorizar seus esforços em meio a preconceitos e exclusões é fundamental. Registrar suas memórias é vital para a compreensão da História da Educação no Brasil.

Em suma, apresentar mulheres educadoras, biografadas nessas pesquisas, nos permitiu considerar que histórias de vida são importantes objetos de estudo na História da Educação, concatenados aos contextos sociais e políticos. Segundo Lia Fialho e Vitória Freire (2018, p.361), trata-se de uma proposta que “[...] fomenta possibilidades de ampliação dos conhecimentos sobre as relações entre História da Educação e memória, bem como dos imaginários e mentalidades individual e coletiva, já que ambas se imbricam”.

É importante valorizar as mulheres que, ao longo da história, promoveram o empoderamento e inspiraram gerações futuras. Ao biografá-las, construíram-se reflexões críticas sobre as condições vividas, superadas e

combatidas, entendendo que tais conjunturas geraram desafios e interferiram diretamente nas mudanças que procuraram construir.

Interessante ressaltar as intencionalidades do exercício biográfico, envolvendo uma discussão de gênero sobre as realidades educativas e cotidianas. A potência investigativa faz-se na existência de um ajustamento teórico capaz de descortinar práticas históricas educacionais, considerando suas complexidades, debilidades e as personagens detrás. Estudar e elaborar biografias de educadoras significa problematizar, em consonância, crenças, ensejos, influências, que atingiram não somente as trajetórias docentes, mas todo o desenvolvimento profissional e pessoal das partícipes e a coletividade relacionada.

Existem semelhanças nas vidas profissionais, dessas mulheres, como a luta por espaços predominantemente masculinos, as contribuições pedagógicas, entretanto não devemos interpretá-las sem os percalços e dificuldades inerentes a tornarem-se educadoras em um país estruturalmente machista. Entender que essas mulheres fizeram parte unicamente de um ofício majoritariamente feminino é decerto um pensamento atrasado, sobretudo porque tais mulheres ocuparam espaços além das salas de aula e o processo de feminização do magistério precisa ser considerado com todas suas nuances. Muitas foram as dificuldades que afetaram os caminhos percorridos, direta e indiretamente, ao estudarem, prestarem concursos, disputarem um trabalho, escreverem livros, construírem instituições escolares.

Outro foco biográfico desenvolvido foram as pesquisas em torno de narrativas de educadoras como modo de reflexão sobre a formação, identidade e prática docente. Entendemos que a ação biográfica pode se estabelecer e se fazer no intento de construir um repositório de exemplos educativos, selecionando ações e reações da biografada como modelo a ser seguido. Inclusive, os exemplos, sejam eles positivos ou negativos, se posicionaram durante muito tempo na escrita histórica como padrões utilizados ao ensinar. Ensinava-se história a partir de outras histórias.

A instrumentalidade educativa de biografias de professoras, vai ao encontro dos atos de ensinar, escrever, propor novos métodos e metodologias que tanto contribuem para a formação de outras profissionais da educação. Elas permitem compreender contextos educacionais e práticas

educativas, em consonância com os cenários históricos e sociais, especialmente.

E, por fim, assim como sugerimos inicialmente, acumular pesquisas acadêmicas em estantes é um desperdício, quando não são lidas e compartilhadas, ainda mais se tratando de investigações enriquecedoras como as encontradas no levantamento. Deixamos aqui registrado o convite para a promoção constante de uma ciência aberta, a serviço de todas as pessoas e no tocante à valorização particular e coletiva de cada pesquisadora e pesquisador. Torcemos para que as vidas biografadas de tantas educadoras sirvam de inspiração e representação para que outras tantas vidas também sejam desembrulhadas.

Escrever como quem se encontra: a palavra é daquelas que escrevem sobre outras mulheres

Nas biografias femininas defendidas em teses e dissertações, muito se fala sobre mulheres que saíram de casa e conquistaram a cena pública. Quebraram tabus e tradições. Que se enxergaram fora do foco masculino. Livraram-se de rótulos. Aqui, como explana Del Priore (2014, p.08), “Buscar o próprio rosto entre tantos outros é o desafio. Mas o maior desafio mesmo é mostrar que elas podem ter um rosto só”.

Falar sobre nossas semelhantes não pode ser definido mediante uma visão corriqueira e simplória. O desafio estará sempre posto, com a ressalva de que defendemos a seriedade e a existência de uma escrita acadêmica sobre mulheres, em um estado incessante e de rompimento com o patriarcalismo. Advogar a favor de uma escrita biográfica feminina como algo descomplicado exigirá mais tempo de resistência.

Adicional ao relatado até aqui, a questão do percentual de mulheres que escrevem sobre mulheres deve ser mencionada. Foi encontrado um total de 169 trabalhos produzidos por pesquisadoras. Isso significa que mais de 80% das pesquisas acadêmicas identificadas que se dedicaram ao objeto biográfico feminino têm mulheres como autoras. Mulheres escrevem sobre mulheres! Ao analisar dados quantitativos que envolvem a escrita feminina, é possível abordar múltiplas questões férteis para a historiografia, como a

atuação política, o lugar da mulher nas artes, a feminização do magistério e outras mais.

Outrossim, Duarte (2019, p.02) reiterou:

Aqui estamos nós, donas de
nossas próprias palavras,
revolucionárias do cotidiano,
regando a terra outrora batida
por nossas antepassadas,
firmando nossas pegadas,
sabendo que hoje, cada vez
que nossa fala se propaga,
equivale a dez que antes
foram silenciadas

Mulheres de uma geração
atrevida, filhas dos saraus e
das batalhas de poesia,
alquimistas, libertárias,
propagandistas da oralidade
compartilhando nossas
travessias,
bradando nossa realidade!

Sempre semeando essa terra
verbo fértil
perpetuando nossa existência
através de versos,
escrevendo quantos
poemas-manifestos forem
necessários por dia
pra cada vida interrompida
ter mais valia.

Não mais invisíveis,
não mais mercadoria

Se querem nos privar,
ocuparemos espaços!
Se querem nos apagar, escreveremos livros!
Se querem nos calar,
vamos falar mais alto!

As palavras de Duarte endossam o propósito delineado a respeito de uma produção feminina feita por mulheres. Revolucionárias, libertárias e donas de suas palavras não são invisíveis. Quando falamos de escrita feminina, estamos abordando um ato, em oposição ao silêncio, uma luta de mulheres contra todas as formas de dominação, exclusão e discriminação. Maiormente atentamos para uma escrita em seu compromisso político, ou

seja, um pacto contra todo tipo de opressão. Portanto, quando uma mulher fala sobre outra mulher, constrói-se uma resistência documentada.

Nesse sentido, é importante compreender que a escrita biográfica feminina realizada por mulheres se volta para olhar as margens, o que significa que esse olhar possui a capacidade própria de refletir sobre a exclusão de corpos, particularidades, intenções políticas, produções, imposições, enfrentamentos que são privativos do ser mulher em uma sociedade patriarcal. De acordo com Woolf (2015, p.187-188), as mulheres passaram a ser mais independentes em suas opiniões e começaram a,

[...] respeitar suas próprias noções sobre valores. [...] Ao que parece, elas estão menos interessadas em si mesmas e, por outro lado, mais interessadas em outras mulheres. No início do século XIX, os romances de mulheres eram em grande parte autobiográficos. Uma das razões que as impulsionava era o desejo de descrever seu próprio sofrimento, de defender uma causa própria. Agora que este desejo não é mais tão imperioso, as mulheres começam a explorar o mundo das mulheres, a escrever sobre as mulheres como nunca se escreveu antes, pois, até época bem recente, as mulheres na literatura eram, certamente, uma criação dos homens.

Escrever sobre mulheres significa reiterar, como asseverou Perrot (1989, p.15), que os “[...] modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com o seu modo de rememoração da montagem propriamente dita do teatro da memória. [...]”. É válido entender que uma mulher, ao investigar sobre outra mulher, busca outras verdades sobre si mesma, uma espécie de autodefinição, compreensão e aceitação. O envolvimento de uma mulher ao pesquisar sobre outra vida feminina implica o desejo de outra verdade sobre si mesma e se faz, conforme explicou Rachel Soihet (2014, p.76), na “[...] vontade ou necessidade de buscar pontos de referência para uma autodefinição não mais fundada no modelo patriarcal, mas sobre as experiências reais das mulheres”.

O movimento carrega peculiaridades, como o uso da escrita para expor sobre aquilo em que acreditam e o que sentem perante a sociedade, como, por exemplo, o contexto político, a escolha religiosa. As escritas científicas analisadas superam o estigma das histórias triviais, julgadas como aquelas que registram unicamente relacionamentos e sentimentos. Hoje, a escrita feita por mulheres sobre mulheres é, de certa forma, resposta a

séculos de leitura exclusivamente masculina. Essa conjuntura ensinou o basilar e o inesquecível, que é atribuir significância e notoriedade a outros objetos e sujeitos. Agora, aprendemos sobre história, a partir de outras trajetórias, para além do que já foi instruído por uma parte da humanidade.

A partir disso, deve-se considerar que as mulheres escrevem sobre confrontos políticos e lutas heroicas femininas. Produzem sobre a alta qualidade literária de outras mulheres, sobre ações educativas que instruíram e produziram em outros tempos. Segundo Soihet (2014), a biografia teria sido inclusive a primeira forma de História das Mulheres, com Christine de Pisan, Louise Otto, Fanny Lewald e outras publicações femininas e feministas do século XIX. Ela destacou sobre as abordagens biográficas em revistas e dicionários, sobre mulheres excepcionais, de destaque no campo da política, da cultura e da religião. Na contramão, relatou sobre a existência de narrativas sobre mulheres excluídas de atividades públicas, mas que estiveram presentes em muitas conquistas de sua época. Além das histórias sobre mulheres com carreiras independentes que enfrentaram as relações domésticas e maternais.

Ainda de acordo com Soihet (2003, p. 42), no que concerne à escrita biográfica, a autora observou sobre o fortalecimento da ideia “[...] de que a compreensão da vida de uma mulher dependeria da possibilidade de uma relação empática que só poderia vir de outra mulher”, e esclareceu que tal percepção é uma proposta importante no debate biográfico, ao considerar o compartilhamento de uma mesma posição social.

O exercício biográfico também permite externalizar que mulheres escreviam e descortinar o que elas escreviam. Ora, mulheres escrevem sobre outras mulheres, para também falar de si e de sua próxima, rompendo silêncios e enriquecendo uma história construída por muito tempo com metades. Destarte, as histórias de vida femininas ultrapassaram o imaginário masculino, quando contadas por outras que conhecem as condições de ser e estar na sociedade. Ainda segundo a análise de Soihet (2003, p. 47), “[...] a abordagem biográfica das mulheres, e do ponto de vista das mulheres, constitui-se numa contribuição preciosa não enquanto método específico, mas pela pertinência das questões que ela pode colocar”.

Então, mulheres escrevem? Sim. Tanto escrevem como já escreveram por anos a fio, expondo visões e posicionamentos, em contextos nos quais

nunca foram encorajadas. Mulheres escreveram e resistiram e agora são lidas, problematizadas, desveladas.

Apesar da tentativa histórica de descrédito em relação a suas narrativas de vida, em uma espécie de ausência, e do engavetamento de importantes produções de diferentes tipos, conclui-se, mais uma vez, que, sim, mulheres escrevem, mulheres sempre escreveram e continuarão a escrever! E não somente escrevem, mas cantam, ensinam, curam, pesquisam etc. Necessário, então, dar continuidade e visibilidade ao movimento de investigação em torno de tantas histórias femininas. A produção acadêmica nos revela isso. Se mulheres escrevem, escrevamos.

Toda escrita tem intenções, e as mulheres, ao se expressarem, compartilham experiências únicas e autênticas. A escrita biográfica feminina é valiosa, livre, autêntica e se faz como ato político. Conforme as afirmações de Soihet (2003, p. 48):

A abordagem biográfica pode, enfim, ajudar a restituir a multiplicidade das experiências femininas, a multiplicidade de maneiras que vivem seus constrangimentos, a multiplicidades de caminhos que trilham para se afirmar como indivíduos plenos. Assim, emergirão na completude de sua diversidade, em termos de condição social, raça/etnia, geração etc. Romper a homogeneidade desta categoria abstrata em nossa análise, não é somente reconhecer o direito de as mulheres de todos os tempos se realizarem enquanto seres autônomos. É, igualmente, uma condição indispensável para refletir sobre as mulheres, enquanto grupo susceptível de se constituir em sujeito coletivo de sua própria liberação, buscando participar da humanidade de acordo com seus próprios termos.

Concisamente, a composição exposta objetivou, ao conceber um balanço bibliográfico, potencializar e valorizar o esforço coletivo de pesquisadoras/es brasileiras/os, reconhecendo que as teses e dissertações produzidas ocupam não somente as prateleiras das bibliotecas e os sistemas digitais, mas se impuseram e conquistaram definitivamente um espaço distinto na historiografia.

Sobremaneira, manifestamos que a ciência brasileira pesquisa mulheres: professoras, escritoras, religiosas, políticas, artistas, jornalistas, ocupantes de tantas profissões. Pesquisam sobre vidas privadas que afrontaram, sobre aquelas que sobreviveram no cerne de vínculos de poder, mas que certamente muito fizeram.

Ao falarmos de relações de poder, é válido lembrar que o corte biográfico permite evitar a construção de imagens monolíticas do passado, demonstrando contrariamente, em harmonia com o dito por Adriana Souza (2012, p.125), que “[...] se a repartição desigual do poder – de bens materiais e simbólicos – limita as oportunidades de um indivíduo, ela sempre deixa alguma margem de manobra, através das quais ele pode se movimentar e promover mudanças no ambiente em que vive”.

Doravante, a história contada por mulheres é sobre participações, cicatrizes sociais, singularidades, ambiências tomadas e representatividades. Não ambicionamos dar voz a essas mulheres, pois elas sempre tiveram. A resistência perante uma sociedade patriarcal não é recente. Antes invisível e irrelevante na escrita histórica, agora fulcral para a compreensão do desenvolvimento social, econômico, cultural, político. Refletir sobre os espaços e tempos ocupados por mulheres, além de gravar a perspectiva de uma vida – biografia – e o que atravessa uma vida – trajetória, também significa reinterpretar e descortinar outros eventos e acontecimentos.⁶

As reflexões suscitadas ao longo deste estudo também evidenciam a necessidade de aprofundarmos, nas pesquisas históricas sobre mulheres educadoras, os debates em torno da cisgeneridade como categoria analítica. A ausência de mulheres trans e travestis entre as biografadas, embora não tenha sido inicialmente problematizada, deve ser compreendida não como um mero dado estatístico, mas como um reflexo das relações de poder, exclusão e silenciamento que atravessam a produção do conhecimento e os registros históricos. Ressaltar essa lacuna não implica somente identificar ausências, mas reconhecer que elas também são indicativas da conjuntura e dos marcadores sociais que definem quem é lembrada, visibilizada ou celebrada nos espaços acadêmicos e educacionais. Nesse sentido, torna-se imprescindível o comprometimento com uma História da Educação que interpele criticamente os limites das categorias tradicionais de gênero e que

⁶ Esclarecemos que não projetamos tecer uma reflexão entre biografias masculinas *versus* biografias femininas, no propósito de denunciar dominações, superações ou concorrências. A concepção se fundamentou em apresentar e problematizar os resultados obtidos, com a finalidade de sinalizar a pluralidade e o crescimento de pesquisas biográficas sobre mulheres. Evidentemente organizar um balanço bibliográfico, não somente com base em teses e dissertações, mas também em livros publicados, artigos científicos, dentre outros, relacionando e confrontando biografias de mulheres e homens pode ser um útil e valioso exercício científico.

esteja atenta às múltiplas formas de existência e resistência que compõem o tecido histórico-educacional.⁷

Relembramos que ainda vivemos em um país no qual formas de violência de gênero, especificamente contra mulheres, ainda são admitidas. Ao percorrer uma discussão sobre uma escrita feita por elas e sobre elas, reconhecemos a importância dos estudos de gênero, enquanto opção teórica e metodológica, anunciando não somente a escolha deste artigo, mas de outras pesquisas, que se constituem como um robusto acervo.

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, A. J. A Revisão da Bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. **Cad. Pesq**, São Paulo, maio 1992. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/990>. Acesso em: 01 mar. 2025.

CORALINA, C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 21. ed. São Paulo: Global, 2012.

COSTA, H. H. **Com cheiro de café amargo**. São Paulo: Editora Penalux, 2021.

COSTA, S. G. Gêneros, Biografias e História. **Gênero**. Niterói, v. 03, nº 02, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31050>. Acesso em: 26 fev. 2025.

DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v.10, n.19, jul/dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/wjzgxRYmBc577pm4QqVfDtb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2025.

DEL PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2014.

DUARTE, A. d. R.; GRAZZIOTIN, L. S. S. Nuances de elementos biográficos nos estudos em história e história da educação: uma síntese a partir do estado do conhecimento. SBHE: **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 18, ed. 38, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/xHLbkj86SfPCLwCDQ798YDp/?lang=pt>. Acesso em: 10 fev, 2025.

DUARTE, M. (org.). **Querem no calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, C. Prefácio. In: DUARTE, M. (org.). **Querem no calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

⁷ Para melhores estudos sobre a temática, recomenda-se considerar produções de educadoras trans e travestis que abordam criticamente a questão da cisgeneridade, como Maria Clara Araújo, autora do livro *Pedagogias das Travestilidades*, e Letícia Nascimento, autora do livro *Transfeminismo*.

FIALHO, L. M. F.; FREIRE, V. C. C. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luiza Fontenele (1950-1965). **Cad. Hist. Educ.** Uberlândia, nº 02 vº 17, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290/22594>. Acesso em: 26/02/2025.

LEÃO, R. Não serei anônima. *In*: DUARTE, M. (org.). **Querem no calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

LOSITO, L. (org.). **Mulheres de Terra e Água**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

MENTLIK, C. S. O nome próprio como tema motivacional no ensino de História. *In*: XXV Simpósio Nacional de História (ANPUH). Fortaleza, 2009. **Anais[...]** Ceará: ANPUH, 2009. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/30-snh25?start=620> Acesso em: 23/02/2025.

MONTERO, R. **Nós, mulheres**: grandes vidas femininas. São Paulo: Todavia, 2020.

NAVARRO-SWAIN, T. História: construção e limites da memória social. *In*: RAGO, M.; FUNARI, P. P. (orgs.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.

ORLANDO, E. de A. Biografia e Cinema na História da Educação: aspectos da profissão docente no filme 'São João Batista de La Salle: padroeiro dos professores'. **Acta Scientiarum. Education**, v. 40, nº 4, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/search> Acesso em: 01/03/2025.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.8, n. 18 ago/set. 1989. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/download/1246015089_ARQUIVO_michelleperrot.pdf Acesso em: 26/02/2025.

PERROT, M. **Os Excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

SOIHET, R. Mulheres e Biografia. Significados para a história. **Locus**: Revista De História, v. 9, nº 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/locus/article/view/20573>. Acesso em: 13/02/2025.

SOIHET, R. Discutindo biografia e história das mulheres. *In*: FUNCK, S. B.; MINELLA, L. S.; ASSIS, G. d. O. (coord.). **Linguagens e narrativas**: Desafios Feministas. Tubarão: Copiart, 2014.

SOUZA, A. B. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o Duque de Caxias. **História da Historiografia**. Ouro Preto, nº 9, agosto, 2012. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/401>. Acesso em: 23 fev. 2025.

VALDEZ, D. (org.). **Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: Séculos XVIII-XXI**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017.

VERAS, E. F.; PEDRO, J. M. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.13, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306132014090>. Acesso em: 24 fev. 2025.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo, 1928.

WOOLF, V. **O valor do riso e outros ensaios**. Tradução: Leonardo Fróes. Editora: Cosac Naify, 2015.